

Os livros perderam

um amigo



Ilustração: Marcelo Ricardo Zeni, Professor da Escola de Educação Básica - Escola de Aplicação Feevale

Vamos recomeçar nossa caminhada pelo mundo da leitura! Falaremos sobre um menino que gostava de ler desde bem pequeno e este ano parou de escrever para fazer parte de todas as suas histórias, pois ele estará presente sempre que alguém abrir um de seus livros, ler um texto ou lembrar do que ele escreveu. Deve ser por isso que grandes escritores, como Moacyr Scliar, são imortais.

A seguir, selecionamos alguns textos dele e sobre ele, para que juntos possamos reviver este menino em nossas mentes.

Boa leitura.

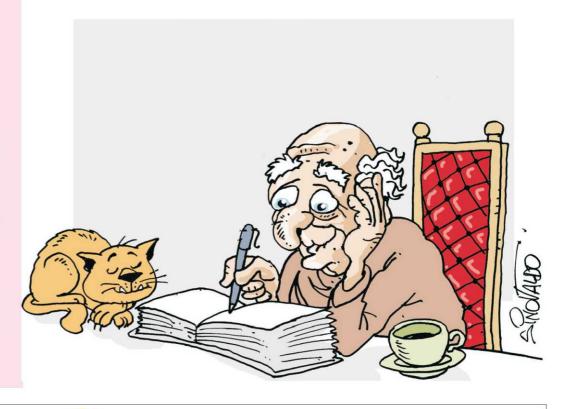
Uma história para quem gosta de lacunas

Memórias da Afasia

Moacyr Scliar

Nos últimos anos de sua vida, Mateus descobriu, consternado, que mesmo o seu derradeiro prazer - escrever no diário - lhe havia sido confiscado pela afasia, que nele se manifestava como esquecimento de certas palavras. A coisa foi gradual: a princípio, eram poucos os vocábulos que lhe faltavam. Recorrendo a de sinônimos, ele conseguia preencher com êxito as lacunas. Com o decorrer do tempo, porém, acentuou-se o , e o desgosto por este gerado. Foi então que ele começou a deixar em branco os espaços que não consegue preencher. Era com fascinação que contemplava esses vazios em ; tinha certeza de que as letras ali estavam, meio ao como se traçadas com tinta invisível por mão também invisível. Essa existência virtual das palavras não o afligia, pelo contrário; sabia que é tão importante quanto o não

. No território da afasia, ele encontrava agora uma pátria. Ali recuperaria o seu passado perdido. Ali se uniria definitivamente àquela que fora seu grande amor, uma linda moça chamada





1937 - 2011







ojeto do Grupo Editorial Sinos, FEEVALE e FACCAT em parceria com as Secretarias Municipais de Educação, Escolas Estaduais, Particulares e Comunitárias, destinado a incentivar o gosto pela leitura.

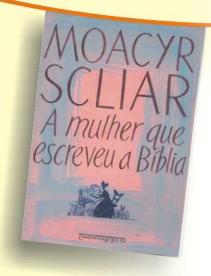
ILUSTRAÇÕES: MÁRIO JUNGES - SINOVALDO PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO EMERSON BAPTISTA

TIRAGEM: 150.000 EXEMPLARES

Coordenação e Contatos:

Juliana Strecker (Faccat) ☎ (51)3541.6600 R. 663 ூ julianastrecker@faccat.br Daniel Conte (Feevale) ® (51)3586.8800 R. 8685 ₺ ler@feevale.br Liane Müller (Faccat) 2 (51)3541.6600 R. 663 1 letras@faccat.br Miguel H. Schmitz (Grupo Sinos) ☎ (51)3594.0489 ூ miguels@gruposinos.com.br





Cordelzinho do Scliar

Dilan Camargo

Vou cantar nesse cordel o nosso Scliar, Moacyr. Por isso quero pedir que ouçam bem a história e que guardem na memória para depois repetir.

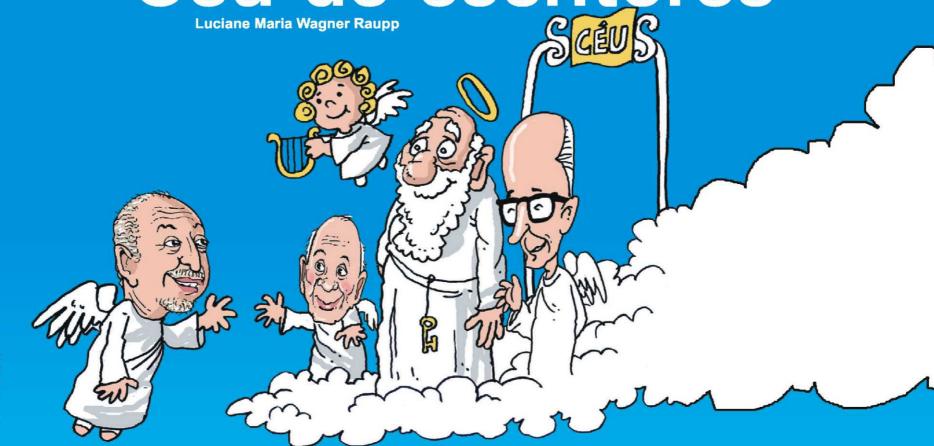
Moacyr Scliar menino nasceu no bairro Bom Fim ouviu um dia um plim-plim e além de um bom senhor tornou-se um grande escritor que gostava de amendoim.

Scliar, gênio e mago fez sua abracadabrância e "Um país chamado infância" virou livro iluminado. Quem o lê sai criançado com uma intensa brilhância. Pastor das belas palavras pra juntar não teve igual letra consoante e vogal. Seus contos e seus romances sempre estão ao nosso alcance. Na Academia é imortal.

Com bondade e bom humor tinha muitos corações amigos em mil nações. Viveu com arte a sua vida e nos disse em despedida: "Eu vos abraço, milhões".

ABRAÇO, MILHÕES

Céu de escritores



Scliar chega ao céu. Ao lado de São Pedro, Mário Quintana o aguarda e saúda:

- Estás adiantado para os teus compromissos! diz, jocoso, o poeta. Scliar, como sempre, responde à altura:
- E dá para chegar atrasado à verdadeira imortalidade?

As risadas e os abraços são interrompidos por um cabisbaixo assessor de São Pedro:

- Sr. Jaime Moacyr Scliar, por favor, queira se sentar ali.

O assessor aponta a Scliar uma salinha e alguns sofás, como a de um consultório médico. São Pedro, bonachão, interrompe:

- Ô, Cyro, eu falei que não concordava com esse trote...

O assessor levanta a cabeça: Scliar o reconhece:

- Cyro Martins, que satisfação!

Ao que outro responde:

- O Pedrão aí não entende de trote médico! Eu queria te deixar ali sentado um tempão, com revistas velhas, esperando, esperando o julgamento...

Quintana intervém:

- Mas não achamos justo o trote. O Scliar nunca fez isso com ninguém. Vamos logo ao julgamento...
 - Julgamento? sorri, educado, Scliar.
 - É, é sim... Vem por aqui. Conduziu Quintana.

Na sala do tribunal, a assistência sorri e abana para Scliar. Na primeira fila, sorridentes, estão sentados Caio Fernando Abreu, Barbosa Lessa, Alcides Maia, Josué Guimarães, Dyonélio Machado... Na segunda fila, Jorge Amado, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Cecília Meireles...

Quintana conduz Scliar a uma cadeira, de frente para a mesa do juiz.

- O juiz adentra o recinto. Scliar o reconhece:
- Erico!!! Quero dizer, Sua Excelência Erico Verissimo!
- O juiz esforça-se para não rir:

- Seja muito bem-vind... er... Quero dizer... Podem sentar. – O juiz titubeia. – Já estão sentados. Que venham os advogados.

Um advogado se apresenta, em reverência:

- Só estou eu aqui, Excelência, seu mui fiel criado... Nem campereando no inferno se achou uma alma que quisesse ser da acusação.

Scliar não se contém:

- Simões Lopes Neto, só pode ser!!!
- O advogado sufoca uma risada. O juiz inicia:
- Vamos aos fatos. Família?
- Exemplar pai e marido, Excelência. Diz o advogado.
- -Amizades? Interroga mais uma vez o juiz.
- Muito a constar. Vamos chamar as testemunhas? pergunta o advogado.
 - O juiz olha a lista. Não, muita gente. Só da parte da defesa. Resolve:
- Não, não precisa. Nem os jornais falam mal dele. Era um exemplo de bonomia. Vamos para o próximo item: qualidade das obras literárias?
- O advogado entrega um dossiê em 20 volumes. Resenhas, artigos e críticas positivas.
- Além do quê como é de saber corrente ele era imortal da Academia Brasileira de Letras...
- O juiz suspende a sessão. Precisa olhar as provas. Mas ninguém sai do lugar. Scliar chama por Quintana:
 - Por gentileza, o que faço agora?
- Espera, ué... Uns dois mil anos... Diz o anjo poeta, com as bochechas vermelhas.
 - Dois mil anos? Pergunta, desanimado, Scliar.

Quintana conduz Scliar pelo corredor. Quando está saindo da sala, a plateia não aguenta e explode em risos. Chega Manuel Bandeira correndo e diz:

- Brincadeirinha! Entra, Scliar, aqui você não precisa pedir licença.

Pênalti

Como um cavaleiro colocando a armadura: era assim que ele se sentia cada vez que se fardava para o futebol. Um pouco de exagero, claro: afinal, tratava-se de uma surrada camiseta, não uma couraça; e o jogo - bem, o jogo era uma pelada de sábado à tarde, disputada com muito entusiasmo, mas com pouca técnica, por um grupo de velhos amigos, vários deles colegas de escritório.

Realidade à parte, naquele sábado ele se sentia, sim, como um cavaleiro preparando-se para o combate. Combate sem mortos ou feridos, sem gritos de guerra nem relinchos de cavalos - mas combate, de qualquer maneira. Combate, contra quem? Combate, contra o quê? Isso ele não saberia dizer, mas de qualquer

modo a ansiedade lhe invadia o peito, a ansiedade que um guerreiro teria sentido entrando no campo de batalha. Esta ansiedade ele tentou disfarçar, gracejando com os amigos, que aparentemente não percebiam nada de diferente: para eles, era só o joquinho de sábado.

A inquietação aumentou quando pisou o gramado. Ali estava o juiz - um velho amigo, um expert em apartar eventuais brigas - ali estavam os dois times. Olhando os jogadores, ele se deu conta, finalmente, da razão de sua ansiedade.

O centroavante adversário.

Era a primeira vez que esse centroavante, garoto alto, forte, participava no jogo. E era também a primeira vez que um jovem fazia parte de um time. A sua presença rompia uma longa tradição, e era resultado de um debate entre todos os participantes. Depois de todos aqueles anos haviam resolvido convidar gente mais jovem. Reconheciam que estavam ficando velhos, que lacunas breve surgiriam nos times. E estas lacunas só podiam ser preenchidas com garotos. A eles caberia manter o joguinho do sábado.

O centroavante era um notável jogador. Isto ficou claro desde os lances iniciais. Apossava-se da bola, driblava os adversários com insolente facilidade, corria pelo gramado com a velocidade do raio. Perto dele, os outros jogadores - homens de meia-idade, alguns barrigudos, alguns desajeitados - eram figuras lamentáveis. Não podia haver dúvida: o centroavante decidiria a partida. Vamos perder, pensou. Não sem um aperto no coração. Não suportava perder; não, pelo menos, no joguinho de sábado. Que os negócios fossem mal, e naquele momento iam mal, isso não lhe importava. Mas da pelada ele



tinha de sair vencedor. E, pelo jeito, não sairia. O destino decidira o contrário. O destino colocara o centroavante no time adversário, não no seu time.

E então, e subitamente, a irritação apossou-se dele. Não era justo, aquilo, não era justa a inesperada frustração. Ele não amargaria uma derrota por causa do jovem centroavante. Desígnio do destino? Pois ele trataria de corrigir esse desígnio. E logo.

Não demorou muito, o garoto recebeu uma bola, avançou pela lateral, driblou um, driblou outro e invadiu a grande

Moacyr Scliar

área, pronto para marcar o gol. É agora, pensou e, cerrando os dentes, partiu em direção ao adversário, como um cavaleiro medieval em direção ao inimigo. Quando o rapaz passou por ele, mandou o pé. Não na bola; não era bola que ele queria, era a canela do adversário.

Atingido, o rapaz caiu. Por um instante, ficaram todos imóveis, perplexos. No momento seguinte correram para o rapaz, ele na frente de todos. E ali estava o jovem, sentado no chão, esfregando a canela - e absolutamente perplexo. O homem ajoelhou-se ao lado dele:

 Desculpe, meu filho - disse, confuso, embaraçado - eu não quis machucar vocês.

O rapaz sorriu:

- Eu sei. Você é ruim de bola, mesmo. Se soubesse que tinha um pai tão desajeitado não teria vindo jogar.

Todos riram, e ele riu também, agora aliviado. O centroavante se pôs de pé, ajudado pelo pai - e pelo juiz, que agora iria exercer sua autoridade:

- Lamento - disse -, mas vou ter de dar pênalti.

Com o que todos concordaram: agressão de pai era, sim, caso de pênalti. No

mínimo.

O próprio rapaz cobrou a penalidade máxima. Com sucesso, naturalmente: afinal, era um grande jogador, como o pai, de olhos úmidos, reconhecia. No íntimo, estava aliviado. Mais que aliviado, feliz. Feliz e realizado. Se tinha de perder - e tinha de perder - era preferível que perdesse para o próprio filho. Aquele pênalti fora uma pequena ajuda que ele, sem querer (ou, no fundo, querendo) proporcionara ao rapaz. Mas não é isto que 🗸 se espera, que um pai ajude ao seu filho?

No Retiro da Figueira

Moacyr Scliar

Sempre achei que era bom demais. O lugar, principalmente. O lugar era... era maravilhoso. Bem como dizia o prospecto: maravilhoso. Arborizado, tranquilo, um dos últimos locais — dizia o anúncio — onde você pode ouvir um bem-te-vi cantar. Verdade: na primeira vez que fomos lá ouvimos o bem-te-vi. E também constatamos que as casas eram sólidas e bonitas, exatamente como o prospecto as descrevia: estilo moderno, sólidas e bonitas. Vimos os gramados, os parques, os pôneis, o pequeno lago. Vimos o campo de aviação. Vimos a majestosa figueira que dava nome ao condomínio: Retiro da Figueira.

Mas o que mais agradou à minha mulher foi a segurança. Durante todo o trajeto de volta à cidade — e eram uns bons cinquenta minutos ela falou, entusiasmada, da cerca eletrificada, das torres de vigia, dos holofotes, do sistema de alarmes — e sobretudo dos guardas. Oito guardas, homens fortes, decididos — mas amáveis, educados. Aliás, quem nos recebeu naquela visita, e na seguinte, foi o chefe deles, um senhor tão inteligente e culto que logo pensei: "ah, mas ele deve ser formado em alguma universidade". De fato: no decorrer da conversa ele mencionou mas de maneira casual — que era formado em Direito. O que só fez aumentar o entusiasmo de minha mulher.

Ela andava muito assustada ultimamente. Os assaltos violentos se sucediam na vizinhança; trancas e porteiros eletrônicos já não detinham os criminosos. Todos os dias sabíamos de alguém roubado e espancado; e quando uma amiga nossa foi violentada por dois marginais, minha mulher decidiu — tínhamos de mudar de bairro. Tínhamos de procurar um lugar seguro.

Foi então que enfiaram o prospecto colorido sob nossa porta. Às vezes, penso que se morássemos num edifício mais seguro o portador daquela mensagem publicitária nunca teria chegado a nós, e, talvez... Mas isto agora são apenas suposições. De qualquer modo, minha mulher ficou encantada com o Retiro da Figueira. Meus filhos estavam vidrados nos pôneis. E eu acabava de ser promovido na firma. As coisas todas se encadearam, e o que começou com um prospecto sendo enfiado sob a porta transformou-se — como dizia o texto — num novo estilo de vida.

Não fomos os primeiros a comprar casa no Retiro da Figueira. Pelo contrário; entre nossa primeira visita e a segunda — uma semana após — a maior parte das trinta residências já tinha sido vendida. O chefe dos guardas me apresentou a

alguns dos compradores. Gostei deles: gente como eu, diretores de empresa, profissionais liberais, dois fazendeiros. Todos tinham vindo pelo prospecto. E quase todos tinham se decidido pelo lugar por causa da segurança.

Naquela semana, descobri que o prospecto tinha sido enviado apenas a uma quantidade limitada de pessoas. Na minha firma, por exemplo, só eu o tinha recebido. Minha mulher atribuiu o fato a uma seleção cuidadosa de futuros moradores — e viu nisso mais um motivo de satisfação. Quanto a mim, estava achando tudo muito bom. Bom demais.

Mudamo-nos. A vida lá era realmente um encanto. Os bem-te-vis eram pontuais: às sete da manhã começavam seu afinado concerto. Os pôneis eram mansos, as aleias ensaibradas estavam sempre limpas. A brisa agitava as árvores do parque — cento e doze, bem como dizia o prospecto. Por outro lado, o sistema de alarmes era impecável. Os guardas compareciam periodicamente à nossa casa para ver se estava tudo bem — sempre gentis, sempre sorridentes. O chefe deles era uma pessoa particularmente interessada: organizava festas e torneios, preocupava-se com nosso bem-estar. Fez uma lista dos parentes e amigos dos moradores - para qualquer emergência, explicou, com um sorriso tranquilizador. O primeiro mês decorreu — tal como prometido no prospecto — num clima de sonho. De sonho, mesmo.

Uma manhã de domingo, muito cedo — lembro-me que os bem-te-vis ainda não tinham começado a cantar — soou a sirene de alarme. Nunca tinha tocado antes, de modo que ficamos um pouco assustados — um pouco, não muito. Mas sabíamos o que fazer: nos dirigimos, em ordem, ao salão de festas, perto do lago. Quase todos ainda de roupão ou pijama.

O chefe dos guardas estava lá, ladeado por seus homens, todos armados de fuzis. Feznos sentar, ofereceu café. Depois, sempre pedindo desculpas pelo transtorno, explicou o

motivo da reunião: é que havia marginais nos matos ao redor do Retiro e ele, avisado pela polícia, decidira pedir que não saíssemos naquele domingo.

— Afinal — disse, em tom de gracejo — está um belo domingo, os pôneis estão aí mesmo, as quadras de tênis...

Era mesmo um homem muito simpático. Ninguém chegou a ficar verdadeiramente contrariado.

Contrariados ficaram alguns no dia seguinte, quando a sirene tornou a soar de madrugada. Reunimo-nos de novo no salão de festas, uns resmungando que era segunda-feira, dia de trabalho. Sempre sorrindo, o chefe dos guardas pediu desculpas novamente e disse que infelizmente não poderíamos sair — os marginais continuavam nos matos, soltos. Gente perigosa; entre eles, dois assassinos foragidos. A pergunta de um irado cirurgião o chefe dos guardas respondeu que, mesmo de carro, não poderíamos sair; os bandidos poderiam bloquear a estreita estrada do Retiro.

E vocês, por que não nos acompanham? — perguntou o cirurgião.

 E quem vai cuidar da família de vocês? — disse o chefe dos guardas, sempre sorrindo.

Ficamos retidos naquele dia e no seguinte. Foi aí que a polícia cercou o local: dezenas de viaturas com homens armados, alguns com máscaras contra gases. De nossas janelas nós os víamos e reconhecíamos: o chefe dos guardas estava com a razão.

Passávamos o tempo jogando cartas, passeando ou simplesmente não fazendo nada. Alguns estavam até gostando. Eu não. Pode parecer presunção dizer isto agora, mas eu não estava gostando nada daquilo.

Foi no quarto dia que o avião desceu no campo de pouso. Um jatinho. Corremos para lá. Um homem desceu e entregou uma maleta ao chefe dos quardas.

Depois olhou para nós — amedrontado, pareceu-me — e saiu pelo portão da entrada, quase correndo.

O chefe dos guardas fez sinal para que não nos aproximássemos. Entrou no avião. Deixou a porta aberta, e assim pudemos ver que examinava o conteúdo da maleta. Fechou-a, chegou à porta e fez um sinal. Os guardas vieram correndo, entraram todos no jatinho. A porta se fechou, o avião decolou e sumiu.

Nunca mais vimos o chefe e seus homens. Mas estou certo que estão gozando o dinheiro pago por nosso resgate. Uma quantia suficiente para construir dez condomínios iguais ao nosso — que eu, digase de passagem, sempre achei que era bom



O contestador Moacyr Scliar

Era um contestador. Desde pequeno. Protestava sempre. Olhava ao redor, na casa em que moravam - realmente uma bela casa, uma mansão - e resmungava:

- Os pobres passando fome, e nós aqui nesta mansão.

lam a um restaurante. Olhava o coq au vin:

- Os pobres passando fome, e nós aqui nos banqueteando.

Viajavam, jam para o Rio. Na praja:

- Nós aqui nos divertindo e os pobres passando fome.

Os pais, perplexos, não sabiam o que fazer. Na verdade, o pai, próspero comerciante, reconhecia grande parcela de verdade nas palavras do filho. Em sua juventude tinha sido militante de esquerda. Eu também protestava, dizia à esposa. E com estas mesmas palavras. Movido por sentimentos de culpa, resolveu aplacar a raiva do filho. Começou trocando a casa, com enorme prejuízo, por um apartamento bem mais simples. Não adiantou:

- Os pobres passando fome, e nós aqui neste apartamento.

Deixaram de ir a restaurantes: quando queriam comer fora, procuravam uma lanchonete. Inútil:

- Os pobres passando fome, e nós aqui nesta lanchonete.

O pobre homem se desesperava. Perdeu o gosto pela vida, se descuidou dos negócios, já não se atrevia seguer a ir passear no parque, porque:

- Nós aqui passeando no parque e os pobres passando fome.

Veio a falência. O homem teve de vender tudo. E aí ficaram pobres, realmente pobres. O homem suspirou: bem , pelo menos ele não tem o que dizer. Mas, da primeira vez que sentaram em torno à mesa para partilhar uma rala sopa, uma sopa de indigentes, o filho disse:

Os pobres passando fome –

SCLIAR, Moacyr. Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar.12.ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

concluiu:

cego?" Estas bobagens, sabe como é, amigo Gedeão. Mesmo assim, apareceu, porque estavam tão atrapalhados que iriam ate falar com uma pedra. Veio o delegado e sentou bem aí onde estás, amigo Gedeão. Este agora foi o ônibus?

Deteve-se. Hesitou um instante e

O pai suspirou. Tinha compreendido tudo:

E nós agui passando fome.

há fomes que são eternas.

- Não, cego. Foi uma camioneta Chevrolet Pavão.

 Boa, esta camioneta. Veio o delegado. Perguntei-lhe: "Senhor delegado, a que horas foi cometido o crime?"

"Mais ou menos às três da tarde, Cego" respondeu ele. "Então" - disse eu. - "O senhor terá de procurar um Oldsmobile 1927. Este carro tem a surdina furada.

Uma vela de ignição funciona mal. Na frente, viajava um homem muito gordo. Atrás, não tenho certeza, mas iam talvez duas ou três pessoas." O delegado estava assombrado. "Como sabe de tudo isto, amigo?" - era só o que ele perguntava. Este que passou não foi um DKW?

Não Cego. Foi um Volkswagem.

 Sim. O delegado estava assombrado: "Como sabe de tudo isto?" - Ora, delegado" respondi - "Há anos que sento aqui à beira da estrada ouvindo automóveis passar. Conheço qualquer carro. Sei mais: quando o motor está mal, quando há muito peso na frente, quando há gente no banco de trás. Este carro passou para lá às quinze para as três; e voltou para a cidade às três e quinze. Também sei calcular as horas pela altura do sol.

Pode procurar este carro, delegado. Mas cuidado que os homens estão armados!" Ainda duvidando, o delegado foi.

Passou um Aero Willys?

- Não, Cego. Foi um chevrolet.

 O delegado acabou achando o Oldsmobile 1927 com toda a turma dentro. Ficaram tão assombrados que se entregaram sem resistir. O 를 delegado recuperou todo o dinheiro do fazendeiro, è e a família me deu uma boa bolada de gratificação. Este que passou foi um Toyota?

Não, Cego. Foi um Ford 1956.

Cego e Amigo Gedeão à Beira da Estrada Moacyr Scliar

 Este que passou agora foi um Volkswagem 1962, não é, amigo Gedeão?

- Não, Cego. Foi um Simca Tufão.

Um Simca Tufão?... Ah, sim, é verdade. Um Simca Tufão. Grande carro, amigo Gedeão, grande carro! Muito potente. E muito econômico. Conheço o Simca Tufão de Longe. Conheço qualquer carro! Muito potente. E muito econômico. Conheço o Simca Tufão de longe. Conheço qualquer carro pelo barulho da máquina.

Este que passou agora não foi um Ford?

- Não, Cego. Foi um caminhão Mercedinho!

 Um caminhão Mercedinho! Quem diria! Faz tempo que não passa por aqui um caminhão Mercedinho. Grande caminhão! Forte. Estável nas curvas. Conheço o Mercedinho de longe ... Conheço qualquer carro. Sabe há quanto tempo sento à beira desta estrada ouvindo os motores, amigo Gedeão? Doze anos, amigo Gedeão, Doze anos,

É um bocado de tempo, não é, amigo Gedeão? Deu para aprender muita coisa. A respeito de carros, digo. Este que passou não foi um Gordini Teimoso?

Não, Cego. Foi uma lambreta.

- Uma lambreta... Enganam a gente, estas lambretas. Principalmente quando eles deixam a descarga aberta. Mas conheço muito motor de automóvel, modéstia à parte. Também anos e anos ouvindo, ouvindo: não é para menos. Aliás, esta habilidade já me foi de valia certa ocasião. Este que passou não foi um Mercedinho?
 - Não, Cego. Foi o ônibus.
- Eu sabia: nunca passam dois Mercedinhos seguidos. Disse só pra chatear. Mas onde é que eu estava? Ah, sim. Minha habilidade já me foi útil. Quer que eu conte, amigo Gedeão? Pois então conto. Ajuda a matar o tempo, não é? Assim o dia termina mais ligeiro. Gosto mais da noite: é fresquinha, nesta época. Mas como eu ia dizendo: há uns anos atrás mataram um homem a uns dois quilômetros daqui. Um fazendeiro muito rico. Mataram com quinze balaços. Este que passou não foi um Galaxie?
 - Não. Foi um Volkswagen, 1964.



- Ah, um Volkswagen... Bom carro. Muito econômico. E a caixa de mudancas muito boa. Mas. então, mataram o fazendeiro. Não ouviu falar? Foi um caso muito rumoroso. Quinze balaços! E levaram todo o dinheiro do fazendeiro. Eu, que naquela época já costumava ficar sentado aqui à beira da estrada, ouvi falar no crime, que tinha sido cometido num domingo. Na sexta-feira, o rádio dizia que a polícia nem sabia por onde começar. Este que passou não foi um Candango?

-Não, Cego.

 Eu estava certo que era um Candango... Como eu ia contando: na sexta, nem sabiam por onde começar.

Eu ficava sentado aqui, nesta mesma cadeira, pensando, pensando... A gente pensa muito. De modos que fui formando um raciocínio. E achei que devia ajudar a polícia. Pedi ao meu vizinho para avisar ao delegado que eu tinha uma comunicação a fazer. Mas este agora foi um Candango!

Não, Cego. Foi um Gordini Teimoso.

- Eu seria capaz de jurar que era um Candango. O delegado demorou a falar comigo. Decerto pensou: "Um cego? O que pode ter visto um

SCLIAR, Moacyr. Os melhores contos de Moacyr Scliar - Seleção de Regina Zilbermann 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

O tio que inventava gente

Luciane Maria Wagner Raupp

Havia um certo tio Moacyr Gostava tanto de gentes! - irmãos, filho, pacientes ...— Começou, de papel, a construir. Com muita imaginação, Foi enorme sua coleção...

De papel, inventou Valdo, criou Geninho. Em "Eu vos abraço, milhões" contou tudinho. A caminho do Rio de Janeiro, os sonhadores, Burros n'água: explorados trabalhadores.

O meio-irmão veio de longe para Jaci, Peri e Cauê Inventado foi Carlinhos, com seus hábitos e crenças. Medo, afeto, revolta misturados - tudo isso se lê: A vitória do bem e do amor sobre as diferenças.

Havia até um centauro no jardim Lembra da sua vida tim-tim por tim-tim Metade homem, metade cavalo, fez uma operação Jeito de gente e de bicho, peso no coração.

Mas esse tio não gostava só de gentes Gostava também das histórias clássicas e boas de contar. Arrumou, recontou na linguagem dos adolescentes: "O menino e o bruxo", "O sertão vai virar mar". Em "Um país chamado infância" esse tio viveu, A seus leitores, grandes obras concedeu. Entre "Cavalos e obeliscos", não exerceu uma solitária paixão:
A "Caminho dos sonhos" enredou mais de uma geração.

O tio que inventava gente, enfim, Escreveu "História para quase todos os gostos" Fez a paz na guerra do Bom Fim Plantou sonhos nos corações e sorrisos nos rostos.

A obra de Moacyr Scliar

Dr.ª Juracy Assmann Saraiva

Moacyr Jaime Scliar, que é chamado apenas de Scliar, é um dos mais reconhecidos escritores brasileiros. Devido à importância de sua produção literária, ele foi eleito, em 31 de julho de 2003, para a Academia Brasileira de Letras

O "imortal" Moacyr Scliar, filho mais velho de José e de Sara Scliar, nasceu no dia 23 de março de 1937, no Bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Os pais de Scliar – imigrantes judeus oriundos da Rússia – eram pessoas humildes que valorizavam os vínculos familiares, suas tradições e a leitura.

Assim, as noites eram preenchidas pelas histórias que o pai contava e pela leitura de livros, atividades que ajudaram a formar o escritor. Aos seis anos, Moacyr Scliar passou a frequentar o Colégio Ídiche e aos onze anos foi matriculado no Colégio Rosário, onde concluiu o curso ginasial. Posteriormente, ingressou no Colégio Estadual Julio de Castilhos e aí realizou o Curso Científico. A partir de 1955, ingressou na Faculdade de Medicina da UFRGS, formando-se em 1962, quando publicou seu primeiro livro, Histórias de Médico em Formação.

Na mesma medida em que avançava nos estudos da área da Medicina, aprofundava seu conhecimento em literatura e exercitava sua escrita. Realizou o curso de Pós-Graduação em

Medicina Comunitária, em Israel e, em 2002, o Doutorado em Saúde Pública, na Fundação Osvaldo Cruz do Rio de Janeiro. Ele atuou como professor da Fundação Faculdade Católica de Ciências Médicas e em outros órgãos de saúde pública em nível estadual, nacional e internacional.

Segundo Scliar, os estudos de Medicina influenciaram seu trabalho de escritor, pois o conhecimento do corpo lhe permitiu entender

uma articulação entre medicina e literatura

melhor o ser humano. Outra característica de sua obra são os temas ligados ao judaísmo.

Em 1968, publicou *O Carnaval dos*Animais, um livro de contos, que ele considera
ser sua primeira obra literária; em 1971, lançou o
primeiro romance, denominado *A Guerra no Bom*Fim. Ele publicou mais de 80 livros, tendo sido
distinguido três vezes com o Prêmio Jabuti. *O*centauro no jardim foi incluído na lista dos 100
melhores livros de temática judaica dos últimos

200 anos. Suas obras foram traduzidas para inúmeros idiomas, o que comprova sua aceitação internacional.

A trajetória de vida de Moacyr Scliar ajuda a entender por que ele conquistou a mais alta distinção literária do Brasil e comprova que seu sucesso não é gratuito. Em muitas de suas obras, Moacyr Scliar analisa os segredos da alma humana, evidenciando a função formadora da arte e o desejo que animava sua vida: "a existência de um mundo sem desigualdades, mais fraterno, mais justo".

Moacyr Scliar não foi apenas um grande escritor; foi, sobretudo, um ser humano admirável que se caracterizou por acolher a todos com atenção e gentileza e por sua permanente disponibilidade.

Algumas das lições que Scliar nos deixou podem ser abstraídas da crônica Sonho de pai, em que ele revela sua posição contrária a antagonismos e expressa a finalidade da arte: Gostaria que meu filho tivesse bagagem intelectual sem ser pedante; que compreendesse que literatura, música e pintura devem tornar as pessoas melhores — não superiores — que sentir é tão importante como saber".